



Identidades múltiplas na periferia: diálogos com jovens e idosas no bairro Restinga

Autor: Bruno Henrique Silva de Castilhos

Orientador: Prof. Dr. Leandro Rogério Pinheiro



A presente pesquisa se vincula ao projeto "Quando as identidades enunciam cotidianos: narrativas reflexivas na periferia", iniciativa orientada a compreender a construção de identidades em contextos de periferia da cidade de Porto Alegre. No caso do trabalho apresentado aqui, os sujeitos de diálogo são dois grupos com atuação sediada no bairro Restinga: jovens dançarinos de *break* e ativistas do Hip Hop; e mulheres idosas associadas à ala das baianas de uma escola de samba.

OBJETIVO: O objetivo deste recorte é analisar como os sujeitos narram suas identidades na relação com suas localidades.



PERCURSO METODOLÓGICO: Em campo, desde setembro de 2014, temos observado ensaios e participações em eventos do grupo de bboys e realizado encontros regulares com as integrantes da ala das baianas, efetivando rodas de conversa em suas residências e promovendo ensaios fotográficos sobre seu bairro. Com ambos os grupos, efetuamos ainda entrevistas narrativas. A análise das informações vem sendo realizada desde o contraste de práticas e depoimentos destes coletivos. O aporte teórico de Alberto Melucci é a principal referência para compreender as identidades em narrativa, tomando o conjunto de relações sociais que circundam as pessoas e as reflexividades geradas a partir de suas redes de pertença.



RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES: Os jovens bboys se mostram atuantes em diferentes papéis sociais (pais, educadores, estudantes, etc.), mas a pertença principal se orienta à dança e ao Hip Hop. Eles acabam não tendo um trabalho fixo, muitos desenvolvem atividades informais e se ocupam de diferentes práticas que possam garantir subsistência e o exercício de sua identidade preferencial, na dança. Embora demonstrem pertença à Restinga, sua relação com o lugar parece extrapolar os limites do bairro, em função de uma condição comum que a palavra "periferia" (ou assemelhados) podem representar. No grupo da ala das baianas, cada idosa procurava enfatizar sua história de vida, demonstrando vontade de partilhar o experienciado. A identificação dessas senhoras com o bairro se mostrou de maneira bastante recorrente, quando verbalizavam seu apreço à Restinga, ainda que com limitações e críticas à precariedade do local em que vivem. Duas dessas senhoras foram militantes políticas (e ainda o são, com menor intensidade). Neste sentido, algo a ser destacado é a condição de gênero desta participação, dado que relatam intensa atividade política, mas basicamente restrita aos limites da comunidade. As trajetórias narradas, em ambos os casos também, indicam que seus cotidianos, muitas vezes precarizados, influem na formação de suas identidades, construídas em relação com estratégias que precisam desenvolver para "driblar" adversidades e realizar o que desejam. Os grupos se distinguem, porém, na forma de relação com o lugar. A idosas fortemente ligadas à Restinga, como uma comunidade onde atuaram e atuam; os jovens mais atentos ao espaço da dança e identificados com a condição geral de periferia, em comum com outros grupos do Hip Hop.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 15-46.

MARTINS, José de Souza. A fotografia e a vida cotidiana. In: MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 33-62.

MELUCCI, Alberto. Necessidades, identidade, normalidade. In: MELUCCI, Alberto. *O Jogo do eu*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.